



MICHAEL HANSCHKE/REUTERS

Último grande fluxo de portugueses foi nos anos 1960

Emigração para a Alemanha aumentou 43% no ano passado

Desemprego. Portugueses, espanhóis e gregos procuram mais as oportunidades no país de Angela Merkel para escaparem à crise

PEDRO SOUSA TAVARES

A Alemanha – para muitos a grande impulsionadora das políticas de austeridade nos países do Sul da Europa – teve em 2012 um aumento de 40% da imigração de trabalhadores oriundos de Portugal (43%), Espanha e Grécia, revelou o departamento de estatísticas (Destakis) daquele país. Uma aparente ironia que, ao DN, o especialista em migrações Pedro Góis defendeu nada ter de negativa.

“É o mercado a funcionar”, disse o sociólogo e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. “Até podíamos pensar nisto como um avanço na mobilidade europeia. [A Alemanha é] um país que tem, salvo erro, 5.7% de desemprego está a oferecer trabalho a cidadãos de países onde este é elevado”. Por outro lado, acrescentou, o número absoluto da emigração portuguesa para a Alemanha em 2012 – cerca de 12 mil pessoas – “não é assombroso, principalmente se o compararmos com a emigração para Angola ou mesmo para Moçambique”.

Nos anos 1960, sim “houve um fluxo grande de emigração para a Alemanha. Depois, em 1973, numa altura em que estava a crescer me-

nos, houve um programa interessante na Alemanha de incentivo ao regresso dos portugueses ao país de origem, ajudando-os financeiramente”, sendo que desde então “nunca mais” se assistiu a grande vagas de portugueses a procurar aquele país.

Preso por um certificado

Quem já foi emigrante na Alemanha e gostaria de lá voltar é José Manuel Bastos, de 59 anos, que o DN contactou através de um anúncio de procura de emprego que colocou na Página da Associação de Empresários Portugueses naquele país, a VPU: “Sou soldador especializado, qualificado pelos alemães. Mas não estou a conseguir regressar, porque pedem-me um certificado de atualização que só posso obter gastando 300 euros numa escola particular”, contou. “Já corri o mundo: estive nas Américas, na Rússia, mas agora estou parado há um ano porque não tenho emprego e nem consigo pagar 300 euros”.

Um caso que ilustra as novas exigências de qualificação dos países europeus que acolhem imigrantes: “Existindo alguma rede local, familiar, ainda é possível ir trabalhar para a Alemanha com poucas qualificações, mas são casos mais raros”, disse Pedro Góis.